

MARIA CAPELO

AS COISAS DO MUNDO SÃO ROCHA

CURADOR João Pinharanda

**galerias
municipais**
PAVILHÃO
BRANCO

O título desta exposição, escolhido pela artista e retirado de um texto de Cesare Pavese, revela-nos um programa artístico ancorado no real; ao mesmo tempo abre-nos uma via de interpretação poética da sua obra. Assim, a clareza com que esta exposição parece poder ser apresentada pinturas de planos muito aproximados de arvoredos, caminhos cerrados, paisagens sem horizonte visível e desenhos de minuciosa observação desaparece se olharmos as obras com olhos que não procurem um qualquer naturalismo.

Nenhuma explicação simples, portanto, pode descrever o mecanismo criativo que nos conduz a estas imagens. A obra da artista (a sua pintura, o seu desenho) desenvolve-se em permanente tensão entre contemplação e acção, observação e memória ... Nesse balanço, dificilmente (ou inutilmente) procuraremos a primazia do interior sobre o exterior, da imagem visual sobre a imagem mental (ou vice-versa). O trabalho de Maria Capelo resulta do cruzamento de todas essas diferentes atitudes e escolhas. Não necessariamente por esta ordem, uma árvore é observada, é pintada, é memorizada, é transformada, é repetida, é deslocada forma, cor, gesto, pincelada participam nesses jogos de encenação, ou seja, de reorganização/reordenação do mundo. No desenho, o pormenor de uma árvore (de um tronco, de um ramo) é separado da unidade a que pertence o grau de proximidade e intensidade dessa observação pode transformar o desenho desse fragmento de realidade tangível numa paisagem, alterando radicalmente as escalas quer da observação quer da significação.

A exposição ocupa os espaços dos dois pisos do Pavilhão Branco de forma diversa, criando realidades autónomas que a montagem, o tema da paisagem e os métodos de trabalho unificam. Os desenhos do piso térreo obrigam-nos a uma aproximação do olhar, distanciam-nos em relação às árvores reais do jardim que ameaçam invadir o nosso campo de visão. As pinturas do piso superior criam uma paisagem suspensa campos de arvoredos densos nascem sobre as copas das árvores reais que, a partir do exterior, atravessam, se espelham e se multiplicam nos vastos planos de vidro das janelas.

Os desenhos são de duas naturezas diversas: ambas resultam da observação (por dissecação e separação e/ou por separação/agregação) dos elementos de uma unidade que nunca nos é revelada. Mesmo com a montagem adoptada (cinética, em bandas contínuas) mantém-se essa fragmentação, impedindo qualquer esboço de reconstituição de um todo; uma das séries pode, mesmo, iludir-nos sobre a sua origem, passando de um microcosmos a um macrocosmos, simulando grandes paisagens abertas, tomadas *à vol d'oiseau*.

As pinturas que, individualmente consideradas, sugerem imediatamente uma cenografia (um pano de cena), encadeiam-se, depois, numa montagem também

até 28 / 04 / 2019

terça a domingo



10h–13h e 14h–18h

PAVILHÃO BRANCO
entrada pelo Palácio Pimenta
Museu de Lisboa
Campo Grande

contínua, apresentando-se como deslocações no espaço e no tempo. Presenças visuais e fisicamente muito poderosas, o espaço e o tempo dessas pinturas não nasce do percurso que efectuamos na galeria ao contemplá-las; é o tempo e o espaço de uma outra realidade: a realidade de uma Natureza olhada e conquistada (apropriada/reordenada) pela representação artística; a realidade de uma paisagem andada e pensada; de uma realidade física e mental; da realidade da sua execução (evolução das técnicas, diferença das matérias das telas, do cromatismo e luminosidade), percebida de obra para obra ao longo da série.

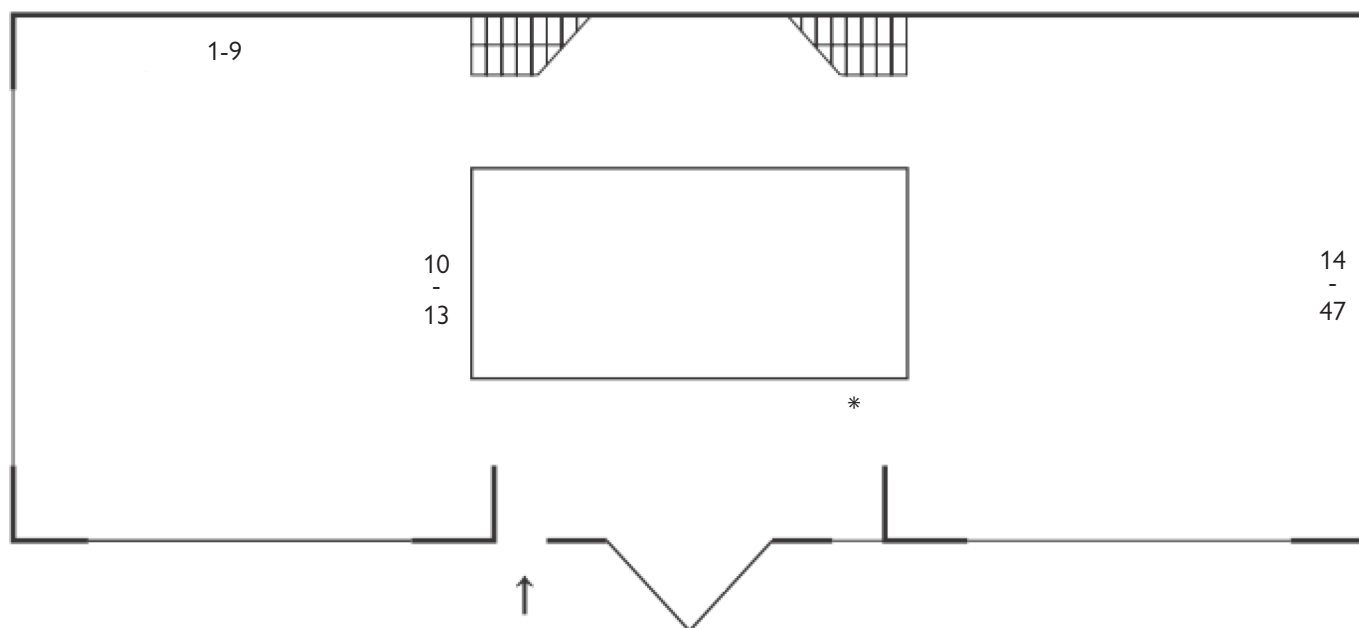
Em nenhum caso se trata de reconstituir um lugar ou de reproduzir uma imagem prévia. Tudo nasce da observação minuciosa da Natureza que Maria Capelo realiza; e também da leitura que faz de textos científicos e literários sobre o tema. Observação e leituras servem-lhe para confirmar que nada se vê fora do que existe. Mas, simultaneamente, que nada do que vemos existe se não em cada uma daquelas pinturas e desenhos. É esse compromisso duplo que Maria Capelo expõe: compromisso com o real, com a verdade da Natureza pensada/vista através da paisagem e com o que está para além do real (antes/depois).

Pelo primeiro e segundo pisos desta exposição perpassa o remoinho de um mesmo vento que volteia as folhas, inclina os troncos, atravessa os vidros, que apenas se detém nos muros mas que deles regressa em ricochete para nos levar pelos caminhos do mundo. Maria Capelo não nos oferece estas imagens. Obriga-nos a conquistá-las com a mesma perseverança com que ela as fez.

João Pinharanda

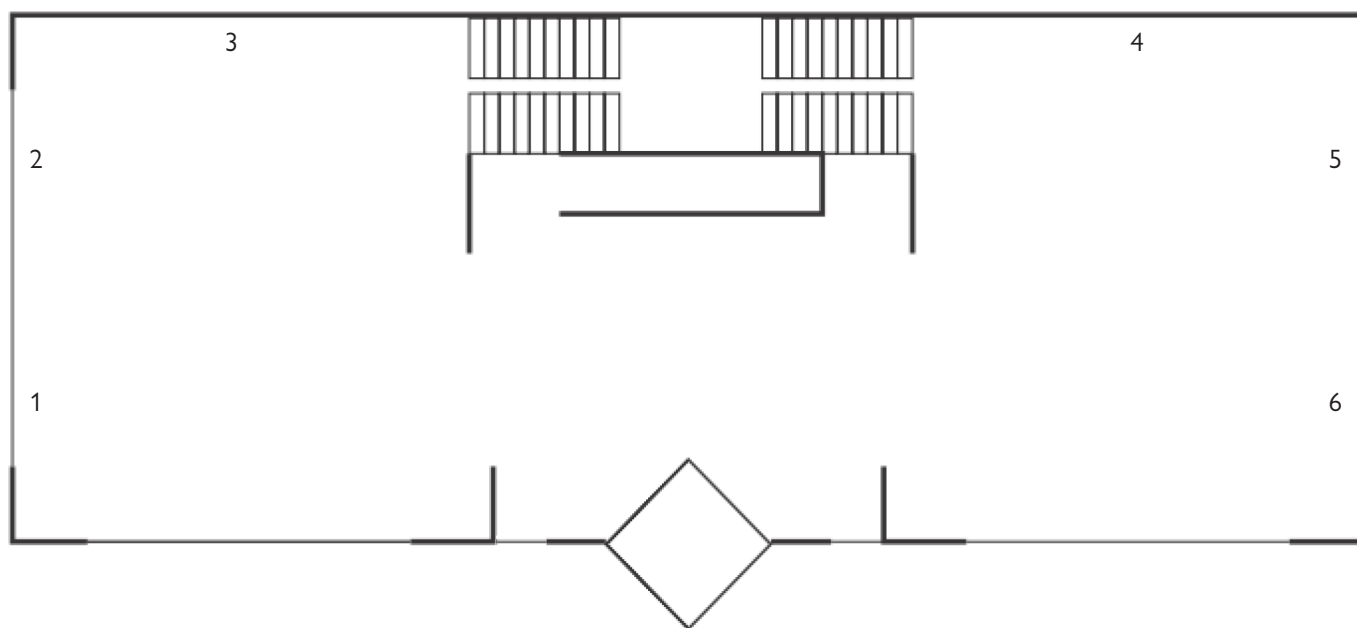
Maria Capelo (1970, Lisboa) licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Desde então, participa e expõe o seu trabalho em exposições coletivas e individuais. Das exposições individuais destacam-se: *Deita-te, levanta-te e agora deita-te*, Fundação Carmona e Costa, (Lisboa, 2017); *À Volta das Covas de um Rochedo*, Cinemateca Nacional - Museu do Cinema, (Lisboa, 2016); *Todas as Montanhas Ardem*, Galeria Diferença, (Lisboa, 2015); *Os dias como claras manhãs, as noites de trevas espessas*, Galeria Giefarte (Lisboa, 2013); *Lisboa e Para onde quer que se olhe há uma alegria enterrada*, Museu Geológico, (Lisboa, 2010). E das exposições coletivas: *Pedro Costa: Companhia* – Fundação de Serralves, (Porto, 2018); *Como o Sol / Como a Noite, Retrospectiva Reis/Cordeiro*, Porto/Post/Doc, FBAUP, (Porto, 2018); *RE: Imagining Europe*, BOX Freiraum (Berlim, 2017); e *Caminhos de Floresta - Sobre Arte, Técnica e Natureza*, Centro Internacional das Artes José de Guimarães, (Guimarães, 2016). Está representada em diversas coleções e, em 2013, recebeu uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para a realização do projeto *Da sombra dos Montes*, no âmbito do Programa de Apoio a Projetos de Criação Artística.

João Pinharanda (1957, Moçambique) Foi professor auxiliar do Departamento de Arquitetura, na Universidade Autónoma de Lisboa e professor auxiliar do Mestrado de Gestão de Mercados de Arte (ISCTE, Lisboa). Presidiu a Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte (AICA). Foi diretor de programação do Museu de Arte Contemporânea de Elvas – Colecção António Cachola (2007-2010) e participou como júri de exposições e de prémios de arte em Portugal, Espanha e Brasil. Foi crítico de arte entre 1984 e 2001, e no jornal *Público* foi responsável pela secção de artes plásticas entre 1990-2000. Tem vindo a colaborar em revistas especializadas como *Arte Ibérica*, *Flash Art*, *Neue Kunst in Europa*, *Spazio Umano*, *Arena*.... Foi consultor artístico entre 2000 e 2015 para a programação de exposições da Fundação EDP e comissário e coordenador do Programa de Arte Pública do Parque de Escultura Contemporânea do Parque Almourol (Vila Nova da Barquinha). É comissário de exposições individuais e coletivas em museus nacionais e internacionais (Espanha, França, Rússia, México, Brasil). Em 2017 foi comissário da representação portuguesa na Bienal de Veneza de Artes Plásticas e desde 2015, é director do Centro Cultural Português – Camões, em Paris e conselheiro cultural junto da Embaixada de Portugal em França.



PISO 0

| | | | |
|--|--|--|--|
| <p>1-9 <i>Sem título</i>, 2018 Tinta da china e lápis sobre papel 43 x 33,5 cm</p> | <p>10-13 <i>Sem título</i>, 2018 Tinta da china e lápis sobre papel 43 x 33,5 cm</p> | <p>14-47 <i>Sem título</i>, 2018 Tinta da china e lápis sobre papel 27,5 x 26 cm</p> | <p>* Pavese, Cesare, <i>Dialoghi con Leucò</i>, 1947, Ed. Einaudi, p. 23, tradução livre</p> |
|--|--|--|--|



PISO 1

1-6

Sem título, 2018

Óleo sobre tela

190 x 185 cm